OPINIÃO SOCIALISTA

Nº596
De 13 a 27 de agosto de 2020
Ano 23

R$2

(11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU @pstu_oficial

MAIS DE 100.000 MORTOS

MILHÕES DE DESEMPREGADOS

42 BILIONÁRIOS FICAM MAIS RICOS NA PANDEMIA

"E DAÍ? TOCA A VIDA", DIZ PRESIDENTE DA MORTE

PDF INTERATIVO CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

Bolsonaro comentando sobre as 100 mil mortes por COVID-19 no Brasil

CARA DE PAU

Eles nem tentam mais esconder

O ex-secretário do Tesouro, do Ministério da Economia de Paulo Guedes, Mansueto Almeida, acabou de sair do governo para entrar no BTG Pactual, banco de investimentos fundado por... Paulo Guedes. Mansueto será nada menos que o novo economista-chefe do banco, além de sócio, com data prevista para começar em janeiro próximo. Uma das principais vozes da política ultraliberal da turma de Guedes, Mansueto foi levado ao governo por Henrique Meirelles na gestão Temer. Mantido por Bolsonaro, o economista ganhou protagonismo nos principais ataques do governo aos trabalhadores, como as reformas da Previdência e trabalhista e o teto dos gastos. A transferência de Manuseto direto do Ministério da Economia para o banco de Paulo Guedes mostra como esse governo atua para os banqueiros e o capital financeiro.

ESPIÃO DE TRUMP

Eduardo Bolsonaro entrega dossiê aos EUA

A família Bolsonaro não economiza esforços quando é para mostrar que não passa de pau mandado de Trump e dos Estados Unidos. O filho do presidente, o deputado Eduardo Bolsonaro, que teve seus planos de assumir a Embaixada dos EUA frustrados, deu mais uma inequívoca mostra de capachismo. Ele entregou ao governo estadunidense um dossiê ilegal montado pelo deputado estadual de São Paulo, Douglas Garcia (PTB), com dados de militantes identificados como antifascistas. Douglas Garcia foi condenado a pagar R$ 20 mil a uma mulher que constava no dossiê. O documento reúne dados e fotos de cerca de mil pessoas identificadas como "antifascistas" por meio das redes sociais. O filho do presidente, querendo fazer um agrado a Trump, foi lá e protocolou o dossiê na Embaixada dos EUA. Detalhe: tais dados estão disponíveis publicamente nas redes sociais. Mais do que um documento investigativo, esse dossiê é uma forma de intimidação a manifestantes e a quem contrarie os despautérios do governo. Fato é que deve ter gerado boas risadas na turma de Trump com o puxassaquismo pateta do 03.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

 opiniao@pstu.org.br

 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

Tudo a ver

São 100 mil mortes em cinco meses, contando apenas os casos notificados. Essa é, de longe, a maior mortandade ocorrida no Brasil. No ritmo atual de mortes, em menos de três meses chegaremos às 200 mil vítimas fatais, e não é possível prever aonde isso vai parar. Além do descaso, há o deboche: o presidente da morte manda a população "tocar a vida".

BILIONÁRIOS MANDAM NOS POLÍTICOS

A revista Forbes mostrou que 42 bilionários brasileiros enriqueceram ainda mais durante a pandemia. Cerca de 100 empresas controlam mais de 70% de tudo o que é produzido. Os super-ricos são cerca de 1% da população brasileira, donos das grandes empresas e dos bancos. Eles mandam nos governos e nos políticos.

No início da pandemia, um setor desses super-ricos achava que algum isolamento social poderia ser mais vantajoso para os lucros. Depois, mudaram de opinião. Por isso, hoje não há diferença entre Bolsonaro, governadores, prefeitos e Congresso Nacional. Enviam, sem dó, a população para o abatedouro.

CORPO MOLE COM AUTORITARISMO E O "FICA BOLSONARO"

Ameaçado pela prisão de Queiroz, Bolsonaro caiu nos braços do centrão e baixou o tom das ameaças golpistas. Os super-ricos, que começavam a debandar, voltaram a sustentá-lo.

Em campanha eleitoral para 2022, Bolsonaro viu sua popularidade parar de cair por uma combinação de fatores: o pagamento do auxílio emergencial de R$ 600; a diminuição de suas ameaças golpistas (que continuaram na surdina); e a ausência de uma oposição para valer. A oposição também contribui para manter sua popularidade, seja a oposição diretamente burguesa como Maia, Doria e Ciro Gomes, seja a de colaboração de classes, como PT, PCdoB e PSOL.

OPOSIÇÃO NÃO CONFRONTA BILIONÁRIOS E SISTEMA CAPITALISTA

Ainda que alguns partidos defendam formalmente o "Fora Bolsonaro", não atuam de forma condizente com isso. É verdade que há um fator contraditório na pandemia e no desemprego do ponto de vista objetivo. Ambos desnudam e desequilibram o sistema. Por outro lado, a pandemia tende a coibir manifestações de rua massivas, e o desemprego dificulta a generalização de greves isoladas.

A insatisfação, porém, pode se manifestar por outras formas de mobilização. A necessidade é de greve geral e manifestações com distanciamento social, organizadas nos bairros populares. No entanto, essa não é a política das organizações dirigidas pelas burocracias sindicais ou pelos partidos de colaboração de classes, cuja prioridade são as eleições burguesas.

Enquanto isso, governadores e prefeitos do PT e do PCdoB aplicam a mesma política dos demais governadores e prefeitos. Isso é assim porque todos esses partidos (incluindo o PSOL) não confrontam os 42 bilionários e mais algumas centenas deles pra valer.

CONTRA BILIONÁRIOS, A ALTERNATIVA É SOCIALISTA

As necessidades da classe trabalhadora, dos desempregados e da imensa maioria da população brasileira batem de frente com os interesses dos 1% de capitalistas e super-ricos.

A necessidade de isolamento social com garantia de emprego, salário e renda; de impedir a catástrofe econômica e social, garantindo pleno emprego, salários dignos e sobrevivência dos pequenos negócios. A necessidade de acabar com a desigualdade social, garantir investimento massivo para a universalização do saneamento básico e do direito à moradia, bem como o fortalecimento da saúde e da educação públicas, gratuitas e de qualidade. A necessidade de defender a Amazônia e todo o meio ambiente e impedir o genocídio indígena. A necessidade de impedir as privatizações e a entrega do país.

Todas essas necessidades, para serem satisfeitas, exigem que se ponha para fora Bolsonaro antes de 2022 e que se tome medidas corajosas e profundas contra os capitalistas. Nenhuma dessas medidas serão garantidas por instituições e governos do 1% de capitalistas. Nem como foram os governos do PT, que se propunham supostamente a governar para todos sem tocar num fio de cabelo dos capitalistas.

Precisamos de outra forma de sociedade, outro sistema, no qual exista igualdade no lugar de exploração e opressão. O projeto de ditadura de Bolsonaro e a falsa democracia dos ricos que existe hoje são formas de os super-ricos exercerem o seu poder contra a maioria.

Precisamos inaugurar uma democracia de verdade para que sejam os trabalhadores e os de baixo a terem o poder e definirem todos os dias os destinos do país. Para isso, precisamos de um governo socialista, operário e popular, que implante essa verdadeira democracia, na qual os trabalhadores governem em Conselhos Populares nos bairros, nas empresas, nas escolas.

Para lutar por esse projeto, precisamos construir uma alternativa socialista e revolucionária, um partido revolucionário, e também construir a auto-organização dos trabalhadores e da juventude desde a base.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2CIFNW7

LUCROS E TRAGÉDIA

Na pandemia, tragédia social aumenta fortuna dos bilionários

JOÃO RICARDO SOARES, DE SÃO PAULO (SP)

A mais profunda catástrofe social da história do país está a caminho. Ela não é o resultado direto da pandemia. Essa catástrofe é impulsionada diretamente pelo governo genocida de Bolsonaro, pelos grandes empresários e banqueiros e pelo Congresso Nacional. Eles dizem que "todos estamos no mesmo barco", mas isso é uma grande mentira.

Eles aparecem na Globo fazendo doações e dizendo que são solidários. O que ocorre, na verdade, é a utilização do desespero diante de mais de 100 mil vítimas fatais para impor medidas que garantem o aumento da fortuna de um punhado de bilionários. O país ficará mais pobre, mas alguns bilionários ficarão mais ricos à custa do desespero, da miséria e degradação do país.

Bolsonaro é a expressão de um capitalismo decadente e subordinado aos interesses das multinacionais, que já não consegue garantir as condições mínimas de existência da maioria da população. Isso não impediu que, nestes meses de pandemia, enquanto milhares de famílias tentavam uma vaga em um hospital, eles ficassem mais ricos (veja o quadro).

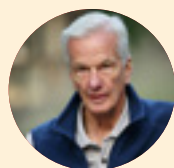
São várias as razões pelas quais essas pessoas ficaram mais ricas durante a pandemia, mas todas elas exploram o trabalho alheio e roubam os cofres públicos. Por exemplo, a pessoa mais rica do Brasil é o banqueiro Joseph Safra (US$ 19,9 bilhões). Sua fortuna aumenta porque ele pega dinheiro com o governo e paga 2% de juros ao ano. Mas quando alguém faz um empréstimo no seu banco, é cobrada uma taxa de juros de quase 100% ao ano. Os juros do cartão de crédito chegam a 255,18%.

Da mesma forma, os grandes empresários que Paulo Guedes diz que salvaria, mas deixaria quebrar os pequenos e médios, demitem durante a pandemia e contratam novos trabalhadores pela metade do salário. A quebra das pequenas e médias empresas, que são responsáveis por cerca de 80% dos empregos com carteira assinada, demonstra o tamanho da catástrofe social.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3FPIOSZ

RANKING

Os maiores bilionários do Brasil

1º – Joseph Safra
Fortuna: US$ 20 bilhões
Banqueiro mais rico do mundo, dono do Banco Safra

2º – Jorge Paulo Lemann
Fortuna: US$ 10,4 bilhões
Sócio da 3G Capital, que controla várias empresas, como AB InBev e Lojas Americanas

3º – Eduardo Saverin
Fortuna: US$ 8,4 bilhões
Um dos fundadores do Facebook

4º – Marcel Herrman Telles
Fortuna: US$ 6,5 bilhões
Sócio da 3G Capital e um dos donos da AB InBev

5º – Carlos Alberto Sicupira
Fortuna: US$ 4,8 bilhões
Sócio da 3G Capital e um dos donos da AB InBev

FONTE: UNAFISCO

OS RICOS MAIS RICOS

R$ 176 bilhões: foi o quanto 42 bilionários brasileiros enriqueceram entre os meses de março e julho.

R$ 812 bilhões: é o total da fortuna acumulada por essas 42 pessoas em plena pandemia.

R$ 39 bilhões: é o gasto com o auxílio emergencial para 65 milhões de pessoas.

FUNDO DO POÇO

A catástrofe do desemprego

Desde o início da pandemia, Bolsonaro insistia em dizer que a economia não podia parar, pois se isso ocorresse milhares de pessoas ficariam sem emprego. Hoje, temos as duas coisas: as mortes causadas pela COVID-19, porque não foram garantidas as condições sociais para um isolamento de verdade pelos governadores, e um desemprego brutal.

Bolsonaro, governadores e prefeitos atenderam as ordens dos grandes empresários e mandam para a morte milhões de pessoas. Mas nem assim conseguiram deter a crise, porque esta sociedade está organizada para garantir o lucro de alguns e não a vida dos trabalhadores.

Eles demitem não porque necessitam diminuir a produção pelo excesso de mercadorias fabricadas e não vendidas. Demitem porque os seus lucros diminuem, já que as pessoas deixaram de consumir algumas mercadorias.

Enquanto as grandes empresas demitem, o Governo Federal libera bilhões em créditos para garantir o lucro de empresários e banqueiros. Enquanto isso, a quebra das pequenas e médias empresas também desempregou milhões de pessoas.

A taxa de desemprego nunca refletiu a realidade, porque as pesquisas medem somente os trabalhadores que estão procurando emprego. O próprio IBGE afirma que o índice de 13% de desemprego não reflete a realidade, porque as pessoas pararam de procurar emprego durante a pandemia. Com o fim do isolamento social, o índice de desemprego oficial deve chegar a 25%. Isso significa um dos maiores índices de desemprego da história do país.

O desemprego não é um contágio como vírus, ele não é uma catástrofe natural. É o resultado das decisões políticas de um governo genocida que tem como única função garantir lucros para os grandes empresários.

Entregar dinheiro para os grandes empresários enquanto eles demitem mostra a serviço de quem este governo está. Ao mesmo tempo, o auxílio emergencial não atende a maioria das pessoas que necessitam, além de haver denúncias de corrupção. Basta comparar essa situação com o crescimento da fortuna dos 42 bilionários para ver a profundidade do poço alentado pelo governo.

DESEMPREGO

87,7 milhões de pessoas (metade da população em idade para trabalhar) está fora do mercado de trabalho.

2,5 milhões de vagas com carteira assinada foram extintas e 5,8 milhões de informais perderam o emprego.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Mãos para cima: isso é um assalto

Os impostos vêm da riqueza gerada pelos trabalhadores. O fruto do trabalho de milhões se transforma em lucro para os patrões e em juros para os banqueiros. É dessa riqueza gerada pelos trabalhadores que o governo recolhe os impostos.

O governo tem duas formas de arrecadar impostos. Uma é com o chamado do imposto direto, cobrado sobre a renda e o patrimônio das pessoas. A outra, o imposto indireto, incide sobre o consumo. Nesse caso, todo mundo paga igual, pois na hora de comprar uma cerveja, não é pedido o contracheque das pessoas.

QUEM PAGA MAIS IMPOSTO NO BRASIL?

O imposto é a principal arrecadação do governo. O lucro dos capitalistas depende do investimento do Estado em energia para as fábricas, estradas para transportar suas mercadorias etc. Contudo, os capitalistas não pagam por isso, porque 51,28% dos impostos arrecadados no Brasil vem do consumo, ou seja, somos nós trabalhadores que financiamos a infraestrutura do país enquanto a maioria não tem esgoto nem água em suas casas.

O imposto sobre a propriedade representa somente 3,93% da arrecadação. Isso significa que os grandes empresários e fazendeiros que utilizam estradas, portos e energia construídos pelos impostos pagam quase nada ao fisco.

DE ONDE VÊM OS IMPOSTOS

Níveis federal, estadual e municipal

Origem	%
CONSUMO DE BENS E SERVIÇOS:	51,28%
FOLHA DE SALÁRIOS:	24,98%
RENDA:	18,10%
PROPRIEDADE:	3,93%

FONTE: UNAFISCO

MANOBRA

Uma reforma para destruir a Seguridade Social

A reforma tributária de Paulo Guedes aumenta ainda mais uma cobrança desigual. Prevê a unificação de dois impostos, o PIS e o Cofins, que financiam o Sistema Único de Saúde e a Previdência, criando a Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços (CBS). Além disso, quer acabar com a contribuição patronal à Previdência e aumenta o imposto sobre o consumo com uma alíquota de 12%. Um cálculo do Sindifisco Nacional mostra que, contando com os impostos estaduais e municipais, o consumidor final pagaria 35%.

Para compensar o perdão dos impostos aos grandes empresários, o governo propõe uma nova CPMF. Guedes dizia que a reforma da Previdência geraria empregos, mas o desemprego aumentou. Agora, quer fazer os trabalhadores e a classe média pagarem mais impostos. Além disso, segue com sua política de destruir a Previdência pública para entregá-la aos fundos de pensão privados e acabar com o SUS, que demonstrou sua importância durante a pandemia.

ROUBAM O ESTADO COM AS PRIVATIZAÇÕES

Roubam o Estado com as privatizações

As privatizações de empresas estatais rentáveis revelam não somente a completa falência do capitalismo brasileiro, que não abre novos ramos industriais e tampouco fortalece os antigos, especializando-se em roubar o Estado. Trata-se de um sistema que garante o desinvestimento e a destruição da Petrobras num país que poderia ser autossuficiente na produção de combustíveis; a entrega dos Correios para fundos de investimento e multinacionais do transporte; a privatização do saneamento. Enquanto isso, aumenta os impostos dos trabalhadores. Como se não bastasse, vai entregar essas empresas para os seus "amiguinhos" que financiarão as campanhas eleitorais.

SAFADEZA

Bancos ganham dinheiro quebrando as pequenas empresas

Enquanto o Ministério da Saúde não gasta sequer a verba disponível, os jornais burgueses afirmam que o crescimento da dívida pública se deve ao fato de os grandes bancos e investidores estarem financiando o combate à pandemia e, por isso, o governo se endivida. O pagamento de juros do Governo Federal, porém, deve-se ao fato de que os bancos aumentam os seus lucros simplesmente deixando o dinheiro parado no Banco Central, a chamada "operação compromissada".

O governo pagou de juros sobre a dívida R$ 112 bilhões e paga juros sobre R$ 434 bilhões da chamada "sobra de caixa" dos bancos. Ocorre que os bancos receberam do próprio governo R$ 1,2 trilhão para oferecer crédito às pequenas e médias empresas, mas preferem não emprestar, e, ainda assim, receber juros pelo dinheiro que não empresta, mas deposita no Banco Central.

PROGRAMA

Garantir emprego e não redução dos salários

Manutenção e ampliação da renda para todos que não tenham emprego! Apoio e crédito ao pequeno negócio!

Nesse jogo de empurra-empurra entre Bolsonaro e os governadores para saber quem são os responsáveis pelo desemprego, nós não temos dúvidas: todos eles são responsáveis. Se Bolsonaro estivesse preocupado com o desemprego ou com o trabalhador informal e o camelô, teria decretado estabilidade no emprego sem redução de salário e renda básica de 2,5 salários mínimos para todo mundo que necessita. Além disso, teria assumido o pagamento da folha de salários para o pequeno negócio com até 20 funcionários, garantido crédito a juros zero, entre outras medidas.

Os governadores disseram que estavam preocupados com a vida. Os mais de cem mil mortos e o fim do isolamento em todos os estados demonstram tudo o contrário. A luta pelas medidas que propomos é um caminho para construir uma alternativa socialista para o nosso país. O capitalismo já não consegue garantir sequer empregos.

Guedes mente mais uma vez quando afirma que a desoneração da folha de pagamentos vai gerar empregos. Dilma desonerou a folha e não gerou empregos. O seu governo deixou de receber R$ 376 bilhões em impostos e não conteve a ganância dos capitalistas.

Por isso, propomos um sistema de impostos em que quem ganha mais pague mais e que isente todos os produtos básicos. Enquanto os banqueiros tiveram um lucro de R$ 102,7 bilhões em 2019, não pagaram um centavo de impostos. A carga tributária no Brasil é alta para quem vive de salário. Quem vive do trabalho alheio não paga imposto.

Ao mesmo tempo, estes senhores se apoderam do que seria o fundo público, dinheiro dos impostos que deveriam ser revertidos para o SUS, a educação pública, o saneamento básico para evitar novas pandemias etc.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2PMTMH4

TAXAR AS GRANDES FORTUNAS, LUCROS E DIVIDENDOS DOS ACIONISTAS E DOS ALTOS SALÁRIOS

Taxar em 40% as grandes fortunas dos bilionários brasileiros.

Taxar a remessa de lucros das multinacionais para o exterior em 50%.

Aumentar o imposto sobre herança (hoje em torno de 5 %) para 80%.

Revisão da tabela de Imposto de Renda: ampliar a alíquota de contribuição dos salários superiores a R$ 23.000 para 45% (isso atinge 3,6% dos contribuintes, um milhão de pessoas) e rebaixar a alíquota que incide nos salários mais baixos.

Criar um imposto específico sobre o lucro dos bancos.

Taxar o lucro e os dividendos que as empresas distribuem aos acionistas com a alíquota máxima do IRPF.

Cobrar zero imposto sobre todos os produtos da cesta básica.

Desonerar as empresas do Simples.

INDEPENDÊNCIA

Romper com a subordinação ao imperialismo

O aprofundamento das desigualdades, acelerado pela pandemia, não pode ser resolvido só pela forma com a qual a renda é distribuída entre as diferentes classes sem discutir como essa renda foi produzida. A concentração da renda é o resultado da concentração da propriedade. O que agrava ainda mais a concentração da propriedade é o fato de que somos um país capitalista completamente subordinado aos interesses do capital financeiro imperialista, cuja classe dominante é sócia dessa espoliação.

Segundo dados da revista Exame (2015), as 100 maiores empresas instaladas no Brasil respondem por 50,7% de toda produção do país (PIB). Contudo, estas 100 empresas empregavam, em 2016, apenas 2 milhões de trabalhadores, isto é, apenas 5% dos empregos. Isso significa que os outros 95% da força de trabalho trabalham em pequenas empresas ou se viram como podem.

Se antes da pandemia mais de 45% dos trabalhadores recebiam de zero a dois salários mínimos, significa que a maioria absoluta da população vive com o salário abaixo do mínimo vital para uma família. Por isso, 80% da população brasileira – 165 milhões de mulheres, homens e crianças – vivem com uma renda per capita inferior a dois salários mínimos mensais.

Assim, o tamanho do desemprego no país força para baixo os salários de quem trabalha e é o grande responsável pela enorme exploração e pela desigualdade. Nenhum sistema de impostos pode mudar essa realidade.

Para ampliar o número de empregos dentro de um sistema capitalista controlado pelo capital financeiro internacional, a primeira medida seria romper com o lugar designado para o Brasil na divisão mundial do trabalho – fornecedor de minérios e produtos agrícolas para exportação. Ao manter-se neste lugar sem desenvolver a indústria, jamais o país vai gerar empregos para a maioria da população.

Porém isso não interessa aos bilionários brasileiros. O PT teve a oportunidade de mudar isso, mas se aliou aos que ganham com a miséria alheia. Bolsonaro é o fiel aliado destes parasitas e está disposto a manter a desigualdade pela via da ditadura. Um governo socialista dos trabalhadores pode encarar a briga com multinacionais, banqueiros e grandes empresários para atender às necessidades da maioria da população.

AMEAÇOU

"Vou intervir": Bolsonaro quis dar golpe de Estado

DA REDAÇÃO

Desde que o miliciano Fabricio Queiroz foi preso na casa do advogado da família do presidente, Bolsonaro anda quieto. Mas essa trégua nas ameaças quase diárias de golpe e ditadura não reflete o que o presidente realmente pensa. Uma reportagem da revista Piauí revela que, numa reunião de 22 de maio com a cúpula das Forças Armadas e ministros mais próximos, Bolsonaro expressou sua intenção de fechar o STF e consumar um autogolpe. "Vou intervir", teria dito com a anuência dos ministros.

O arroubo ditatorial aconteceu diante do pedido de partidos de oposição ao STF para apreensão do celular de Bolsonaro, no âmbito do inquérito das fake news. O general Augusto Heleno, à frente do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), teria sido o único a demovê-lo da ação porque este não seria o "momento para isso". Diante da informação de que o pedido de apreensão não significava a apreensão de fato de seu celular, Bolsonaro teria concordado em não mandar tropas ao tribunal. Naquele momento.

A intervenção militar foi trocada pela famigerada nota assinada por Heleno ameaçando um golpe ao dizer que a apreensão traria "consequências imprevisíveis". Heleno é um dos principais quadros do governo Bolsonaro desde o primeiro momento e conhece bem as instituições. Sabe que, por hoje, uma pataquada dessas não teria condições de prosperar por uma questão de correlação de forças. Mas o episódio expressa bem o instinto ditatorial de Bolsonaro e a sua sanha em fechar o regime.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3AHSZNT

O silêncio vergonhoso do próprio Supremo e do Congresso Nacional, assim como do conjunto da imprensa, vale dizer, mostra a completa incapacidade desses setores de irem além do discurso para se contrapor a uma ditadura. Se dependesse de Bolsonaro, já teria havido golpe, e se dependesse do STF e do Congresso, já estaríamos numa ditadura.

APARATO

Governo monta seu próprio SNI para perseguir opositores

Ao mesmo tempo em que Bolsonaro diz com todas as letras que quer um golpe, seu governo vem construindo um aparatou repressivo pelas beiradas. É o que ficou evidente na reportagem do UOL no final de julho, que mostra a produção de um dossiê contra 579 servidores federais e estaduais de segurança de forma totalmente ilegal.

O dossiê foi produzido a partir do monitoramento de servidores que pudessem de alguma forma ser associados a "antifascismo", pegando de agentes de segurança do movimento "policiais antifascistas" a professores universitários. Tal investigação foi levada a cabo pela Diretoria de Inteligência da Secretaria de Operações Integradas (Seopi), sob responsabilidade do ministro da Justiça, André Mendonça. Esse órgão existe sob o pretexto de combater o crime organizado, mas Bolsonaro o transformou numa versão mais moderna do Serviço Nacional de Informações, o SNI, o órgão de espionagem da ditadura.

Diante do escândalo, o ministro não só não foi demitido, como se recusou a mostrar o documento produzido de forma ilegal. O caso mostra como Bolsonaro institucionaliza a perseguição política e monta um órgão paralelo de espionagem de opositores.

CORRUPÇÃO

Nos braços do centrão

Pouco antes de o país ter oficialmente 100 mil mortos pela pandemia de COVID-19, resultado direto da política genocida de Bolsonaro, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM), disse em entrevista ao programa Roda Viva que não abre processo de impeachment pois não veria "nenhum tipo de crime atribuído" a Bolsonaro. Maia está há meses sentado sobre uma pilha de quase cinco dezenas de pedidos de impeachment.

Seria mais fácil perguntar qual crime Bolsonaro não cometeu. De sua política genocida na pandemia a ataques contra as liberdades democráticas, até as ligações com milicianos e o esquema de corrupção envolvendo Queiroz, que vão ficando mais evidentes a cada dia. A última foi a revelação dos cheques do miliciano à esposa de Bolsonaro, Michelle, que totalizariam pelo menos R$ 89 mil.

Maia se faz de cego por conta da aproximação de Bolsonaro com o "centrão", o conjunto de partidos corruptos e fisiológicos que o governo comprou a fim de evitar o impeachment e garantir uma base de apoio no Congresso.

Faz parte da estratégia do conjunto majoritário da burguesia de enquadrar Bolsonaro e mantê-lo domesticado até pelo menos 2022, evitando um processo de impeachment que poderia ser traumático.

Parte disso também é o acelerado desmonte da Lava Jato que une o governo, o centrão, os partidos da oposição à direita, como o DEM e o PSDB, e até o PT. Se a Lava Jato foi utilizada para fins políticos, a alternativa que une esses setores não é a investigação de fato e a punição de todos os corruptos, o que botaria parte dessa gente na cadeia, mas tão somente a completa impunidade.

Com isso, Bolsonaro vai mantendo-se no poder, livre para articular seu aparato pessoal de repressão e espionagem por dentro do Estado e só à espreita para o melhor momento de colocar em prática seu verdadeiro projeto ditatorial de poder.

PANDEMIA

Brasil ultrapassa 100 mil mortes por COVID-19: Bolsonaro é o responsável

Em apenas cinco meses o Brasil perdeu mais de 100 vidas para a COVID-19. Na véspera de atingir essa marca macabra, o genocida Bolsonaro continua debochando daqueles que perderam seus familiares e dos que se arriscam diariamente no transporte público, nas fábricas e nos locais de trabalho. "Vamos chegar aos 100 mil mortos, mas vamos tocar a vida", disse.

Bolsonaro é obviamente o maior responsável por essa terrível situação. Há semanas que o país registra mais de mil mortes diárias. Para fazer uma comparação, é como se todos os estudantes, professores e funcionários de duas escolas de tamanho médio no Brasil desaparecessem todos os dias.

Nesses quase cinco turbulentos meses, Bolsonaro minimizou a pandemia (disse que era uma gripezinha), chamou o isolamento social e a quarentena de histeria, menosprezou o número crescente de mortes dizendo que "todos nós iremos morrer um dia". Foi o maior propagandista de fake news, mandando produzir toneladas de cloroquina que não servem absolutamente para nada. Mandou o Ministério da Saúde parar de divulgar os números diários de casos e mortes pelo coronavírus.

POBRES, NEGROS E ÍNDIOS

O resultado não poderia ser outro. A pandemia se alastrou país afora, penalizando sobretudo os mais pobres e vulneráveis. Uma pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) mostra que os distritos com maior número de mortes na capital paulista estão relacionados a regiões que têm mais viagens de transporte público. Segundo os pesquisadores, a quantidade de viagens com transporte coletivo explica 80% a quantidade de óbitos.

As pessoas não se amontoam nos ônibus e trens porque querem. Fazem isso para não morrerem de fome, pois esse governo assassino nunca garantiu uma política séria para termos uma quarentena total, com renda digna e garantia de emprego. Sequer garantiu os pequenos negócios, que fecham um atrás do outro em razão da crise e da falta de ajuda por parte do governo. "Vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas", disse Paulo Guedes com cinismo na famosa reunião ministerial gravada em vídeo. "Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos pra salvar grandes empresas", completou.

No começo da pandemia, o governo queria dar apenas R$ 200 de auxílio emergencial, enquanto liberou mais de R$ 1,2 trilhão para bancos. Foi obrigado a pagar R$ 600, um dinheiro que é insuficiente para manter uma vida digna na pandemia, mas que agora tem sido usado pelo governo como um instrumento para que Bolsonaro tenha algum apoio nos setores populares.

Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil, escancarando o racismo dessa sociedade. A pandemia avançou para as áreas indígenas, invadidas por garimpeiros, madeireiros ilegais e fazendeiros. A fiscalização ambiental foi destruída, levando a um aumento de 72% no desmatamento na Amazônia de julho de 2018 a junho de 2020.

Apesar de tudo isso, no Congresso nem impeachment avançou. O que avançou mesmo foi a boiada que passou destruindo direitos da classe trabalhadora em prol dos mais ricos, que ficaram ainda mais ricos na pandemia. Basta lembrar que 42 bilionários faturaram US$ 34 bilhões na pandemia. Toda essa turma é cúmplice do genocídio de Bolsonaro. Enquanto isso, metade da classe trabalhadora no país está desempregada. Agora eles querem fazer uma reforma tributária para beneficiar ainda mais os capitalistas (leia nas páginas 5 e 6)

> **SUBNOTIFICAÇÃO**
>
> ### Número de vítimas pode ser bem maior
>
> O Brasil chegou a mais de 100 mortes por COVID-19, mas todos sabem que o número de vítimas e infectados é muito maior. Há vários especialistas que asseguram essa realidade. O renomado médico e neurocientista Miguel Nicolelis estima que o número de casos possa ser entre sete e doze vezes maior que o notificado. "Quando você tem uma perda de vidas da magnitude de 100 mil, você fala, na realidade, em 500 mil, 600 mil", declarou numa reportagem do portal UOL.
>
> O Brasil não faz testes o suficiente para sabermos os números exatos do avanço do vírus. Isso é proposital, pois faz parte do esforço do governo Bolsonaro para esconder os números reais de vítimas, varrendo para debaixo do tapete toda a real dimensão da tragédia que aflige o país.

Bolsonaro é podre, um genocida autoritário. Não por acaso já se fala em seu julgamento no Tribunal de Haia por crimes contra a humanidade. Mas certamente não podemos esperar por isso. É preciso enfrentar agora esse governo e derrubá-lo, botar para fora Bolsonaro e Mourão, outro genocida que tem o mesmo projeto de ditadorzinho. Esse é o único caminho para que não tenhamos que chorar por 200 mil mortes em outubro ou novembro ou 500 mil até o começo do ano que vem.

Bolsonaro e Mourão não vão cair para ficarem impunes. A classe trabalhadora, os mais pobres, humilhados e oprimidos vão ter que acertar as contas com eles e sua cambada de assassinos. Até lá, vamos continuar lutando pelo isolamento social para valer, com garantia de emprego e renda.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2PQRKW5

BOLSONARO NÃO É O ÚNICO RESPONSÁVEL

A conta também é dos governadores e prefeitos

E não é só Bolsonaro que pretende "tocar a vida" e deixar a população morrer. Os governos estaduais e as prefeituras também têm sua parcela de responsabilidade no genocídio. No começo, tentaram se diferenciar de Bolsonaro e decretaram uma quarentena fake. Pressionados pelos capitalistas, não demoraram para reabrirem o comércio e falam até mesmo em reabertura das escolas, o que terá consequências funestas para toda a população. Isso inclui tanto os governos da direita tradicional quanto os governos do PT e do PCdoB (leia na página 10).

São Paulo é um grande exemplo. O governador João Doria e o prefeito Bruno Covas, ambos do PSDB, reabriram o comércio, foram responsáveis pela superlotação do transporte público, flexibilizaram o isolamento e sequer organizaram uma forte campanha de prevenção. O estado soma 25 mil óbitos, dos quais 10 mil são na capital.

Se incluir os casos suspeitos, o número vai para 16 mil. Só para comparar, a Argentina, registrou 4,1 mil mortes desde o início da pandemia. Enquanto a média nacional é de 46 óbitos por 100 mil habitantes, o estado de São Paulo tem 60, e a capital alcança 87, considerando apenas os óbitos confirmados. Se incluídos os suspeitos, o município de São Paulo chega a 135 óbitos por 100 mil, três vezes maior que a média nacional.

O Rio de Janeiro segue o mesmo ritmo: acumula mais de 14 mil mortos e mais de 182 mil casos confirmados de COVID-19.

Enquanto isso, a corrupção correu solta na pandemia. Um exemplo foi a prisão do ex-secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro, Edmar Santos. Ele fraudou contratos de compra de respiradores pulmonares em caráter emergencial para atendimento de pacientes com COVID-19 segundo investigações da polícia. Quando foi preso, os agentes encontraram ao menos R$ 6 milhões em espécie numa casa que pertence a Edmar.

A corrupção explodiu na pandemia. Há inúmeros casos como o de Santa Catarina, que comprou respirador de uma empresa que não faz respirador; variações de preço de até 185% no Ministério da Saúde; compra de respirador em lojas de vinhos no Amazonas; entre outros casos. Hoje todos os estados do país, à exceção do Espírito Santo, têm alguma investigação em curso por corrupção devido a superfaturamento na compra de equipamentos na pandemia.

Bolsonaro se aproveita da situação e diz que as mortes causadas pelo vírus são culpa dos governadores. Na prática, não há uma oposição dos governos a Bolsonaro. Uma prova disso é que até o governador do PCdoB no Maranhão, Flavio Dino, falou em fazer um pacto com Bolsonaro. Esse pacto já existe. É o pacto da morte que se revela quando o Governo Federal e os governos estaduais se unem para mandar o povo trabalhador para o abate, pois eles só estão preocupados mesmo em garantir os lucros dos capitalistas.

FAKE NEWS

Rússia registra vacina sem fazer testes

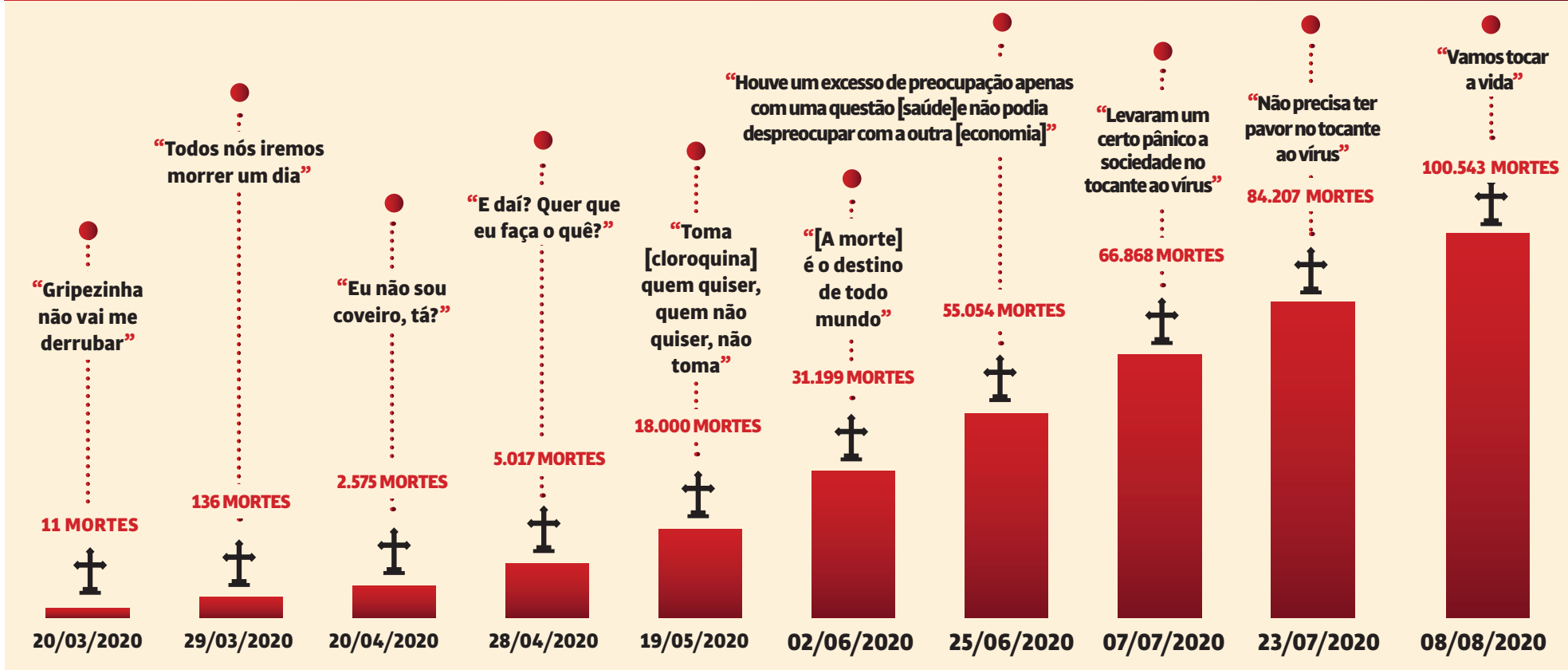
No último dia 11, o governo russo de Vladimir Putin anunciou o registro de uma vacina contra a COVID-19, chamada por ele de Sputinik 5. A tal descoberta cheira e tem jeito e cara de fake news. Isso porque a Rússia sequer publicou os resultados dos testes da primeira fase do desenvolvimento da vacina.

Explicando: o desenvolvimento de uma vacina segue rígidos protocolos internacionais científicos que são divididos em três fases. Isso é necessário para garantir a segurança da população, uma vez que uma vacina errada pode piorar ainda mais a pandemia, fortalecendo o vírus e causando mais mortes.

Pelo que se sabe, a Rússia apenas terminou os testes de fase 1 em junho/julho. Precisariam fazer os testes das fases 2 e 3 de segurança e imunização depois. Pelo tempo que nossa resposta imune leva para aparecer, não é possível fazer todos os outros testes até agora.

Toda vacina que é desenvolvida precisa ter uma boa resposta imune. Quanto mais gente vacinada, melhor para combater o vírus. Por exemplo, a vacina da gripe imuniza por volta de 60%. Isso quer dizer que 40% dos vacinados e os que não pode tomar a vacina continuam correndo risco de contrair o vírus. Por isso, dependemos de muitos se vacinarem para se gerar imunidade coletiva e o mundo ficar protegido. Uma vacina ineficaz, que não gera essa imunidade coletiva, só pode agravar a contaminação.

A Rússia tem interesses políticos e econômicos com esse anúncio, uma vez que a corrida por uma vacina contra a COVID-19 poderá gerar grandes lucros a grandes laboratórios. É preciso dizer que já poderia existir uma vacina pronta, porque houve um surto de coronavírus da Sars em 2002. Ela não foi feita porque, naquele momento, a doença afetou apenas uma parte da população da Ásia e não daria lucro suficiente para os grandes laboratórios. Agora, estão correndo atrás de uma situação muito grave e, além disso, buscam faturar muita grana.

O QUE BOLSONARO DISSE ENQUANTO AS MORTES DISPARAVAM

EDUCAÇÃO

Volta às aulas só depois da pandemia

FLAVIA BISCHAIN,
DE SÃO PAULO (SP)

Enquanto Bolsonaro diz para "tocar a vida" em meio a mais de 100 mil mortes na pandemia, nos estados e nos municípios, governadores e prefeitos tentam aplicar a mesma política de flexibilização total. Em São Paulo, o Conselho Estadual de Educação aprovou um parecer, em 29 de julho, no qual alega, entre outras coisas, preocupação com os "prejuízos causados pelo isolamento social na aprendizagem dos estudantes".

A preocupação do governador João Doria (PSDB) e dos demais governantes, no entanto, nunca foi pedagógica nem com o futuro das crianças. Os únicos prejuízos com os quais se preocupam estão relacionados às perdas das mensalidades dos grupos privados da educação e aos interesses do conjunto da burguesia, que precisa da força de trabalho dos pais à sua disposição por inteiro para continuar lucrando bilhões.

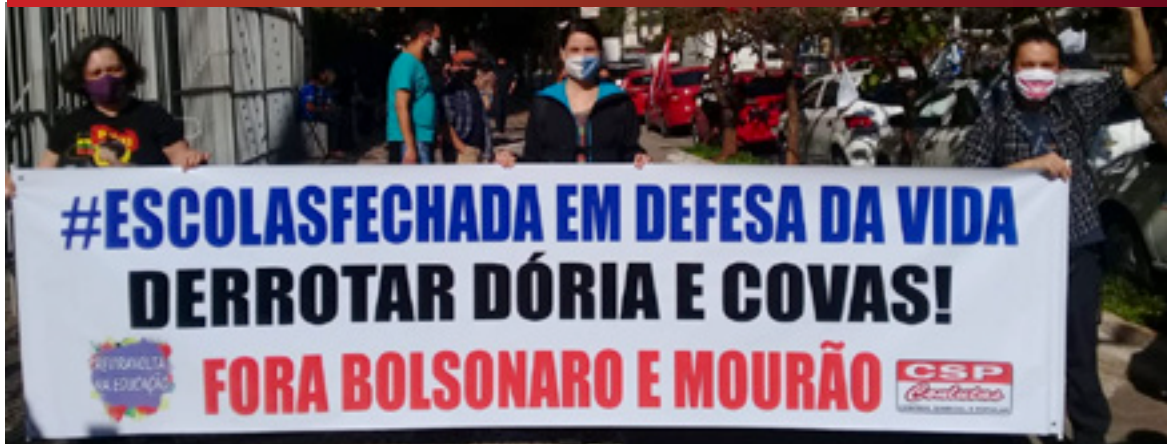
Não são só os governantes da direita tradicional que reproduzem a política assassina de Bolsonaro. Na Bahia, o governador do PT, Rui Costa, já tem um protocolo de volta às aulas com reposição até dezembro (inclusive aos sábados). Quando questionado, disse que "não é razoável que as pessoas achem que possam ir no shopping e não possam ir dar aula na escola. Está se falando de abrir bar, restaurante... Não vi ninguém falando de genocídio quando se falou de abrir shopping".

O QUE DIZ A CIÊNCIA SOBRE OS RISCOS DA VOLTA ÀS AULAS?

Segundo a Fiocruz, 9,3 milhões de brasileiros idosos ou com doenças crônicas (problemas no coração, pulmão, diabetes, entre outras) moram com crianças em idade escolar. Por isso, estariam diretamente em risco com a volta às aulas presenciais.

É bom lembrar que as crianças não são imunes e podem transmitir facilmente o vírus por serem assintomáticas em sua maioria. Recentemente, uma pesquisa indicou que crianças que já foram contaminadas pelo novo coronavírus podem desenvolver a Síndrome Multissistêmica Inflamatória Pediátrica, doença que já foi registrada em crianças de Minas Gerais, Pernambuco e Distrito Federal.

A retomada das aulas em outros países tem mostrado que os riscos são muitos. Nos Estados Unidos, a reabertura das escolas resultou na contaminação de 97 mil crianças em apenas duas semanas segundo estudo da Universidade de Vanderbilt.

PAIS DIZEM NÃO

Em todo o país, pais não querem a volta às aulas

Todas as pesquisas indicam que a imensa maioria dos pais não concorda com a volta às aulas nesse momento. Uma pesquisa do Datafolha, realizada no dia 21 de julho, também revelou que 87% das famílias brasileiras têm medo da contaminação com as aulas presenciais. Em algumas cidades, as famílias começam a se organizar. Em Rio Claro (SP), por exemplo, foi criado o Movimento Famílias na Pandemia para lutar contra o retorno às aulas presenciais.

A posição dos pais tem sido muito importante para fazer prefeitos e governadores recuarem. No estado de São Paulo, as prefeituras de Mauá, Santo André, Rio Grande da Serra, Ribeirão Pires e Rio Claro, já disseram que as aulas presenciais não voltarão este ano.

O prefeito de São Paulo, Bruno Covas (PSDB), que segue preparando as escolas para o retorno, mudou seu discurso depois que 78% dos pais disseram que não enviarão seus filhos às escolas. O prefeito, que busca reeleição, afirmou que se as escolas não conseguem conter "nem piolho", não vão conseguir barrar o coronavírus (como se ele próprio não fosse responsável pela estrutura precária das escolas).

Doria também teve que fazer um pequeno recuo e adiar o retorno para outubro. Ainda assim, fez uma manobra, mantendo a volta no dia 8 de setembro para os alunos que não conseguiram acessar as aulas remotas, nas regiões que estiverem na fase amarela. Se depender do governador, estes alunos serão expostos à contaminação, assim como professores e funcionários. A covardia de Doria é tão grande que ele relegou aos pais e às escolas a responsabilidade pelos riscos de sua política criminosa.

No Maranhão, Flavio Dino (PCdoB), que firmou um pacto com Bolsonaro, permitiu a reabertura das escolas privadas, mas adiou a volta às aulas na rede estadual depois da rejeição dos pais. Mesmo em Manaus, onde a rede particular voltou no início de julho, a maior parte dos pais não está enviando seus filhos.

NÃO AO GENOCÍDIO

Se os governos insistirem, vamos à greve nacional da educação!

A luta dos professores contra a volta às aulas tem ganhado corpo em nível nacional. No Rio de Janeiro, os trabalhadores da educação estadual e municipal entraram em greve sanitária contra a volta às aulas. Em Manaus, aprovaram em assembleia que não retornarão às escolas. Em São Paulo, em plena pandemia, os professores municipais travaram uma importante luta contra o PL 452, que autoriza a compra de vagas da rede privada na educação infantil, e organizaram manifestações em frente à Câmara de Vereadores.

Em várias escolas do país, nas redes pública e privada, trabalhadores da educação organizam reuniões virtuais, manifestos, abaixo-assinados e carreatas contra a volta às aulas. Com o apoio dos pais e a mobilização da comunidade escolar, é possível impor uma derrota aos governos.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e as centrais sindicais devem cumprir o papel de unificar essas lutas em todo o país e se os governos não recuarem, começar a construir a greve nacional da educação em defesa da vida. A CSP-Conlutas já está em campanha e lançou neste mês o "Manifesto nacional contra a volta às aulas durante a pandemia.

Frente ao fracasso do ensino remoto, seguimos defendendo a suspensão do ano letivo na pandemia, com garantias sociais às famílias e aos trabalhadores da educação pública e privada. Afinal de contas, o currículo a gente recupera depois, mas as vidas perdidas infelizmente não têm volta. Esse tem sido o novo lema da educação brasileira em tempos de pandemia.

PARTICIPE!

ASSINE O MANIFESTO DA CSP-CONLUTAS

MULHERES

Desigualdade de gênero aumenta na pandemia

ÉRIKA ANDREASSY
DA SEC. NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

Se enfrentar os efeitos da pandemia não tem sido fácil para ninguém, para as mulheres trabalhadoras a situação é pior. Uma pesquisa recente do instituto Gênero e Número, em parceria com a Sempreviva Organização Feminista (SOF), ajudou a entender os efeitos da quarentena sobre o trabalho, a renda e o cuidado com a casa e a família sobre a vida das mulheres. A conclusão foi que a desigualdade de gênero se aprofundou nesse período.

A maioria absoluta das mulheres relatou que as tarefas domésticas e de cuidados se intensificou, em especial cozinhar (80,5%), lavar louça (81%) e limpar a casa (81%). Metade das brasileiras passou a cuidar de alguém durante a pandemia, sendo maior o índice para as mulheres do campo (62%) e as negras (52%).

Esse aumento da demanda doméstica foi absorvido de forma quase exclusiva pelas mulheres. Para 64% das entrevistadas, a participação de outras pessoas nessas atividades permaneceu igual ou até diminuiu (23%). Em apenas em 13% outras pessoas assumiram mais tarefas. Além disso, 35% das mulheres admitiu serem as únicas responsáveis pelo trabalho de suas casas.

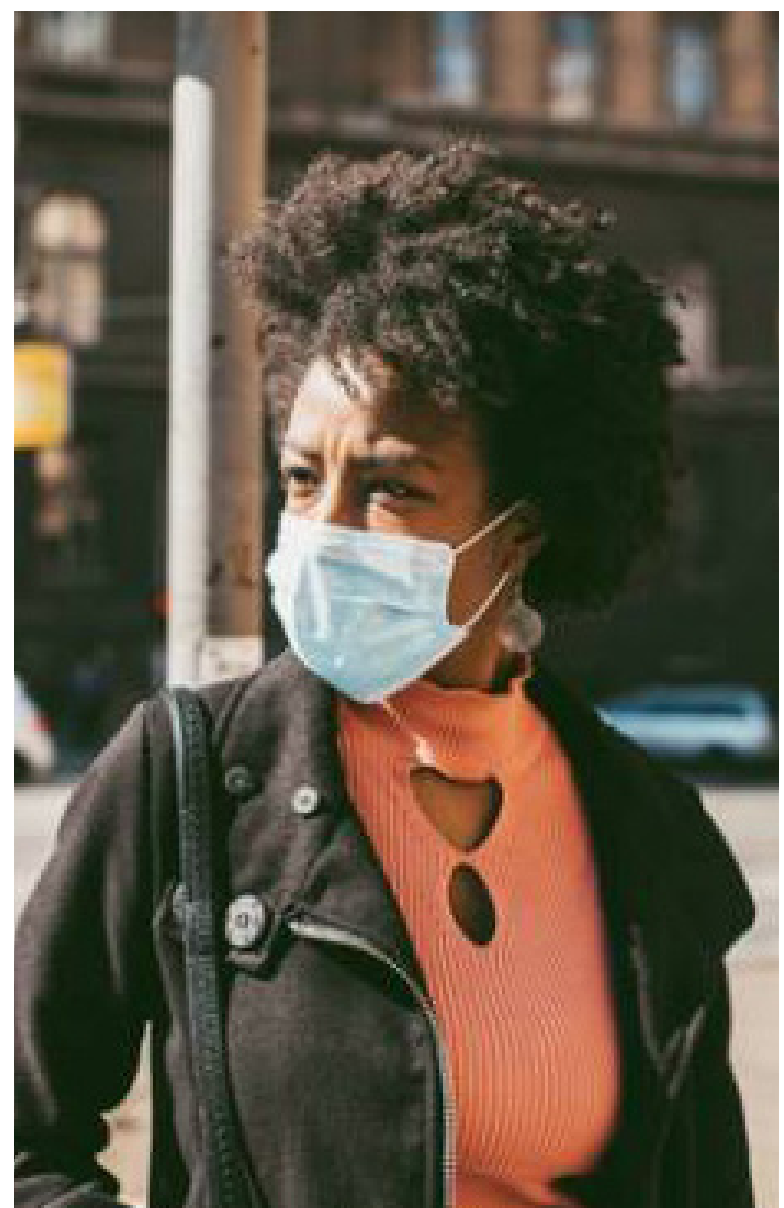
MAIS TRABALHO E MENOS RENDA

A jornada de trabalho aumentou, mas a renda não. As mulheres são mais de 70% dos pobres segundo o IBGE, drama que se agravou com a pandemia e o isolamento social. A situação é tão crítica que 4 em cada 10 mulheres atingidas pela pesquisa acreditam que o sustento da casa está em risco. A insegurança é ainda maior para as mulheres negras, maioria das desempregadas (58%). Entre os principais problemas enfrentados, estão as dificuldades para pagar as contas básicas e o aluguel.

As consequências na saúde mental são enormes. Um levantamento realizado pela ID-BR, organização que promove igualdade racial no mercado de trabalho, com 369 mulheres negras, demonstra que 36% das entrevistadas relataram crises de ansiedade e 20%, oscilações de humor devido à incerteza no terreno econômico.

NO LIMITE

Mesmo para aquelas que mantiveram seus empregos ou que estão em regime de home office, equilibrar o trabalho remunerado com as milhares de tarefas domésticas, contando com pouca ou nenhuma ajuda de companheiros e outros membros da família, não é fácil. De acordo com a pesquisa Datafolha/C6 Bank, 57% das mulheres que passaram a trabalhar em home office disseram ter acumulado a maior parte dos cuidados com a casa contra 21% dos homens.

Além disso, há toda uma carga mental que as tarefas domésticas geram. Como são as mulheres que em geral assumem o planejamento e o gerenciamento da casa, tentando prever as necessidades do dia a dia e preocupando-se com a saúde de todos, as mudanças provocadas na dinâmica pela pandemia impactam também. Para 64,5% das mulheres a responsabilização pelo cuidado da casa e dos filhos compromete a concentração no trabalho remunerado. O estresse se ampliou ainda mais e está levando muitas mulheres ao limite.

Sem falar na situação das mais de 11 milhões de famílias compostas por mães solo, que acabam sem ter com quem compartilhar as tarefas de casa. Muitas contavam com o apoio de parentes, entre elas pessoas mais velhas, com quem não podem mais ter contato por causa do risco de contaminação.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3IRRT0U

RESPONSABILIDADES

A saída é socializar o trabalho doméstico

No sistema capitalista, a combinação entre opressão e exploração torna a vida das mulheres trabalhadoras um verdadeiro martírio. Na busca incessante por ampliar seus lucros e reduzir gastos sociais, a burguesia descarrega sobre as mulheres, de forma individual e privada, tarefas que deveriam ser garantidas pelos patrões e pelo Estado. Fazem isso apoiados na ideologia machista de que a responsabilidade por lavar, passar, cozinhar e cuidar dos filhos e dos doentes é exclusiva das mulheres.

Para nós, socialistas, é diferente. Consideramos que são tarefas sociais que devem ser assumidas de forma coletiva e garantidas pelo Estado por meio de serviços como restaurantes e lavanderias públicas, creches e escolas em tempo integral, centros de convivência de idosos e outros serviços de apoio que tirem do âmbito privado o máximo possível da carga de trabalho doméstico.

Enquanto lutamos para que o Estado assuma a responsabilidade por essas tarefas, opinamos que elas devem ser divididas de forma igualitária entre homens e mulheres. Por isso, frente à pandemia, defendemos redução geral da jornada de trabalho sem redução de salários, para todos e todas que tenham trabalho, bem como garantia econômica para os que estão desempregados ou sem remuneração. Isso é necessário para que as mulheres não sejam as únicas responsáveis pela jornada de trabalho em casa e para que os homens exerçam seu papel social de pais, responsabilizando-se junto com as mulheres pela educação dos filhos e os cuidados domésticos.

LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Resistindo à invisibilidade e à pandemia

RENATA F., GABRIELA HIPOLITO E GABRIELA VASCONCELOS, DE SÃO PAULO

Em 19 de agosto de 1983, lésbicas que distribuíam o Chanacomchana, jornal publicado pelo Grupo Ação Lésbica Feminista (Galf), resistiram à violenta tentativa de expulsão do Ferro's Bar, no bairro do Bixiga, em São Paulo. Elas ocuparam o local e protestaram contra a repressão policial e a ditadura militar.

O levante foi um marco para o orgulho lésbico e fez de agosto o mês da nossa visibilidade. Em 29 de agosto de 1996, o 1º Seminário Nacional de Lésbicas transformou a data em Dia da Visibilidade Lésbica e Bissexual.

Hoje, diante da pandemia e da catástrofe econômica na qual vivemos, queremos homenagear e resgatar o espírito combativo das lutadoras do Ferro's Bar, contando a história das lésbicas e bissexuais (LBs) que lutam todos os dias contra a invisibilidade, a lesbofobia e a bifobia.

PRECARIZADAS, NA INFORMALIDADE E DEMITIDAS

A lesbofobia e a bifobia já nos empurravam para a informalidade e o subemprego antes da pandemia. Com o aprofundamento da crise, o abismo social entre os homens brancos e heterossexuais e as mulheres negras e lésbicas aumentou.

"Ser negra e lésbica nessa sociedade é encontrar muitas portas fechadas quando se procura emprego nas ditas 'boas empresas'. É ser previamente desqualificada e, por conta disso, ter que ficar provando o tempo todo que você é boa no que faz, pois sua capacidade é sempre colocada em xeque", relata Rosirene Soares, aposentada do sistema judiciário, no Rio de Janeiro.

Invisíveis às políticas de emprego e renda, as LBs estão sendo demitidas em massa ou tiveram uma brutal queda de renda durante a pandemia. Pesquisa realizada pelo "votelgbt+", com 10 mil LGBTIs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos), constatou que uma em cada quatro pessoas da comunidade perdeu o emprego. As que continuam trabalhando estão nas áreas mais expostas ao contágio, como entregadoras de aplicativo, telemarketing e nas áreas de saúde e limpeza.

INVISIBILIZADAS

Somos objetos de fetiche e ódio

Lésbicas e bi são sexualizadas pela indústria da pornografia, mas hostilizadas e violentadas na vida cotidiana. Muitas de nós já sofreram o chamado estupro corretivo, em que o agressor quer "corrigir" a orientação sexual da vítima violentando-a!

Essa dupla moral é fruto da combinação do machismo com a lesbofia e a bifobia, que nos transforma em produtos da indústria do sexo para o prazer masculino.

ISOLAMENTO SOCIAL E VIOLÊNCIA FÍSICA E PSÍQUICA

Muitas LBs foram expulsas de casa ou vivem sozinhas para se preservarem do ambiente de opressão familiar. Nesses casos, o isolamento as afastou dos amigos e das redes de apoio. A pesquisa já mencionada mostra que 45% das lésbicas e bissexuais têm depressão, índice quase oito vezes maior que na população em geral.

O desemprego, a perda de renda e o maior convívio em casa com familiares levam a uma situação de maior vulnerabilidade psicológica e à possibilidade de violência, como conta Sabrina Abreu do Rebeldia – Juventude da Revolução Socialista, do Rio de Janeiro: "com o isolamento social, muitas são obrigadas a conviver diariamente com seus agressores, e é ainda pior se você for moradora de favela, onde a lei não chega, assim como outros direitos aos quais a mulher negra e periférica não tem acesso."

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3IYHYGG

ELEIÇÕES

Candidatas rompem a invisibilidade, denunciando a LGBTfobia e o capitalismo

Nestas eleições, muitos candidatos vão querer falar em nome das LGBTIs. Segundo dados da Associação Brasileira de LGBTIs (ABGLT), em 2020, comparando-se com as últimas eleições, haverá o dobro de candidaturas LGBTIs.

Contudo, para derrotar o conservadorismo lgbtfóbico nas câmaras municipais e nas prefeituras, não basta eleger LGBTIs. Danielle Bornia, pré-candidata do PSTU à prefeitura de Niterói (RJ), defende: "Não é o empoderamento individual de uma candidata nem o pink money de famosos que vão acabar com essa sociedade lesbofóbica. A força mundial das manifestações dos EUA contra a violência policial racista demonstra que é nas lutas, ao lado dos trabalhadores e de outros setores oprimidos, que conquistaremos as mudanças necessárias."

Trata-se de algo ainda mais verdadeiro quando lembramos que estas eleições têm, como pano de fundo, um governo federal fundamentalista e genocida. Janaine Ferreira, pré-candidata do PSTU à prefeitura de São João Del Rey (MG), lembra: "Quando Bolsonaro diz que 'usar mascara é coisa de viado', debocha das LGBTs para dividir nossa classe pelo preconceito e impor sua política genocida. O descaso frente às mais de 100 mil mortes pela COVID-19 é o mesmo descaso com o qual estes senhores tratam a violência contra as LBs. Para os prefeitos e governadores, que são cúmplices de Bolsonaro, as vidas LGBTIs não valem mais que o lucro dos patrões. Por isso, aqui em Minas, é 'Fora Bolsonaro, Zema e Nivaldo!'."

Essa situação só nos coloca uma saída: "O capitalismo se aproveita das desigualdades de identidade de gênero e orientação sexual para intensificar a exploração de toda a classe trabalhadora e submeter as LBs a uma verdadeira barbárie social. Para explodir os armários do preconceito, é necessário unir a classe trabalhadora em toda a sua diversidade. Para acabar com a lesbofobia precisamos revolucionar este sistema de exploração e opressão. É preciso fazer uma revolução socialista", diz a Professora Flávia, pré-candidata a vereadora pelo PSTU de São Paulo (SP).

A LUTA E A ATUALIDADE DO SEU PENSAMENTO

Os 80 anos do assassinato de Trotsky

DA REDAÇÃO

Em 21 de agosto de 1940, Leon Trotsky, dirigente da Revolução Russa de 1917, morria pelo golpe de Ramón Mercader, um agente da GPU, a polícia política da União Soviética, sob ordens do ditador Joseph Stalin. Terminava, assim, a mais encarniçada perseguição da burocracia do estado soviético ao principal líder opositor revolucionário.

O papel de Trotsky na história está ligado à Revolução Russa de forma intrínseca. Durante a revolução de 1905, aos 25 anos de idade, foi o presidente do primeiro soviet (conselho) de deputados operários de Petrogrado. Em 1917, uniu-se ao Partido Bolchevique, reconhecendo a liderança incontestável de Lenin, o maior dirigente da Revolução de Outubro, a primeira revolução socialista e operária vitoriosa da História. Trotsky foi eleito de novo presidente do soviete de Petrogrado e dirigiu o Comitê Militar Revolucionário que organizou a tomada do poder pelos bolcheviques.

FUNDADOR DO EXÉRCITO VERMELHO

Durante a guerra civil (1918-1921) travada pelos exércitos brancos e pelas tropas invasoras de quatorze países imperialistas contra o Estado operário revolucionário, Trotsky foi o encarregado de organizar o exército do proletariado. Fundou e dirigiu, então, o Exército Vermelho, que chegou a ter mais de cinco milhões de soldados. A URSS saiu vitoriosa da guerra civil, garantindo a existência do primeiro Estado operário do mundo.

Durante a guerra civil, participou de forma ativa da fundação da III Internacional. Ele foi, ao lado de Lenin, um dos seus principais dirigentes e autor de várias resoluções aprovadas em seus primeiros quatro congressos.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3KZIJRV

CONTRA O STALINISMO

A luta contra a burocratização da URSS

Depois da vitória na guerra civil, o estado soviético viveu um terrível isolamento internacional. A onda revolucionária que varreu a Europa depois fim da Primeira Guerra Mundial retrocedeu. A revolução foi derrotada em vários países, como Hungria, Bulgária e, principalmente, Alemanha.

Contudo, a URSS que saiu da guerra civil era um país com a infraestrutura destruída, fome generalizada e um milhão de operários mortos em defesa da revolução. Nessa situação, o governo soviético teve de utilizar muitos dos funcionários e técnicos do antigo regime reacionário. Fez concessões aos camponeses, permitindo que comercializassem parte de sua colheita no mercado, estimulando-os a produzir.

A combinação destes fatores, produziu uma nova camada social privilegiada de burocratas e pequenos proprietários. Stalin, um dirigente sem expressão, tornou-se a cabeça dessa nova burocracia.

Com a doença e posterior morte de Lenin, em janeiro de 1924, a burocracia assumiu totalmente o poder. Trotsky organizou, então, a Oposição de Esquerda, que lutou contra a burocratização da URSS, do Partido Comunista e da III Internacional.

O isolamento da URSS, porém, acabou derrotando a Oposição de Esquerda. Em 1927, Trotsky e milhares de oposicionistas foram expulsos do Partido Comunista, presos e exilados na Sibéria. Em 1929, Trotsky foi finalmente expulso da URSS e enviado para um exílio forçado na Turquia.

CONTRARREVOLUÇÃO

Stalinismo extermina a velha guarda bolchevique

A burocratização da URSS levou à subordinação da III Internacional, dos Partidos Comunistas e da revolução internacional aos interesses da casta dirigente do Estado soviético. Esta criou a teoria justificativa do "socialismo num só país" segundo a qual a URSS já seria uma economia socialista nacional. Assim, os partidos comunistas seguindo a orientação de Stalin frearam a revolução chinesa (1927) e a revolução espanhola (1936-1939) para promover alianças com setores da burguesia.

Trotsky insistiu sempre no caráter internacional de todos os fenômenos da nossa época. Por isso, o elemento central da sua teoria da revolução permanente é o caráter internacional da revolução socialista. O capitalismo em sua etapa imperialista, com sua decadência, arrasta a humanidade à guerras, crises permanentes e finalmente à barbárie. A revolução socialista é uma necessidade e está madura em todas as partes do planeta.

No entanto, para justificar a violação de todos os princípios do marxismo, do socialismo internacional e da tradição operária, o stalinismo precisava destruir toda a velha guarda do Partido Bolchevique e da III Internacional. Esse objetivo foi alcançado com o chamado "grande expurgo" que começou em 1934 e significou a execução ou morte nos campos de concentração de centenas de milhares de comunistas opositores.

Stalin promoveu a farsa dos processos de Moscou (1936-1938), nos quais dezenas de dirigentes da Revolução de Outubro, como Zinoviev, Kamenev, Preobrazhensky e Bukharin, foram acusados de traição e sabotagem, julgados e fuzilados. Trotsky, mesmo no exílio, foi o principal acusado, inclusive de ser um agente do nazismo.

A obsessão assassina de Stalin tinha uma profunda razão de ser. Trotsky era o último dirigente vivo da Revolução de Outubro e o único que continuava enfrentando a burocracia de forma consequente. O ditador temia que o fim da Segunda Guerra Mundial desencadeasse um novo processo revolucionário mundial e que Trotsky pudesse representar para o proletariado a tradição desta revolução.

Consciente de que Stalin planejava sua morte, Trotsky dedicou os últimos dez anos de sua vida a construir uma nova organização revolucionária internacional. Felizmente, conseguiu realizar a tarefa que ele mesmo considerava sua grande obra: em 1938, foi fundada a IV Internacional. O elo de continuidade do marxismo revolucionário não foi rompido.

SAIBA MAIS

TROTSKY
VIDA, OBRA E LUTA

Afinal, quem foi Leon Trotsky?

Para responder a essa pergunta, separando o que é verdade e mentira sobre a sua vida, criamos uma série em nosso canal: "Trotsky, vida obra e luta", apresentado pelo jornalista Bernardo Cerdeira. Aqui você poderá saber sobre a história do revolucionário russo, suas ideias, sua militância política e sua luta pela revolução socialista. Confira!

ASSISTA A SÉRIE ESPECIAL

"TROTSKY, VIDA OBRA E LUTA"

LÍBANO

Megaexplosão em Beirute, coloca de novo o povo nas ruas

Abaixo o regime burguês sectário! Trabalhadores e o povo ao poder!

FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

A megaexplosão no porto de Beirute, no dia 4 de agosto, colocou a revolução libanesa de novo nas ruas. Metade da cidade foi destruída. Há 176 mortos, além de desaparecidos, e 300 mil pessoas ficaram desabrigadas. Os hospitais estão lotados.

A investigação sobre os responsáveis não está concluída. Porém a população entende que o armazenamento de 2.750 toneladas de nitrato de amônio no porto há sete anos é de responsabilidade do regime político sectário e de seus partidos políticos burgueses.

No sábado, dia 8, milhares tomaram a Praça dos Mártires, no centro de Beirute, para exigir a queda do regime. A polícia e o exército impediram a tomada do parlamento a bala. Três ministérios e a sede da associação dos bancos foram tomadas e depois esvaziados a força.

Na segunda-feira, dia 10, o primeiro ministro Hasan Diab renunciou. Isso é uma vitória, mas não é a queda do regime. É apenas uma manobra para ganhar tempo e garantir a sua manutenção, que é o grande objetivo da burguesia libanesa e de seus partidos políticos sectários.

Na terça-feira, dia 11, as manifestações continuaram e uma das palavras de ordem era "o povo quer a queda de Michel Aoun", o presidente do país, que afirmou que não renunciará.

A POLÍTICA DO IMPERIALISMO

Na quinta-feira, 6 de agosto, o presidente francês Emmanuel Macron visitou Beirute. Ele prometeu ajuda humanitária e financeira, mas exigiu reformas. O imperialismo exige a redução dos gastos públicos, o aumento dos preços da energia elétrica, a privatização de toda a economia e a normalização das relações com o Estado de Israel. Além disso, quer reformas políticas que mantenham o regime sectário com nova fachada, ou seja, tudo o que a classe trabalhadora e o povo libanês não quer.

Frente ao fracasso da política estadunidense de "pressão máxima" para afastar o Hezbollah do poder e reatar as relações com Israel, agora é a França que cumpre o papel de ponta de lança dos interesses imperialistas.

A REVOLUÇÃO OPERÁRIA E POPULAR

Desde 17 de outubro, a classe trabalhadora e o povo libanês tomaram as ruas para exigir o fim do regime sectário. A taxação sobre o envio de mensagens de WhatsApp foi a gota d'água diante de um regime capitalista falido incapaz de fornecer água e energia elétrica vinte e quatro horas por dia ou até mesmo de organizar a coleta de lixo.

A juventude é obrigada a emigrar para conseguir emprego. As famílias burguesas remeteram US$ 21 bilhões para fora do país. A moeda desvalorizou 80%. Os bancos limitam os saques. Hoje, metade da população vive abaixo da linha da pobreza.

Essa revolução apresentou uma novidade. Além da presença extraordinária (calcula-se dois milhões de manifestantes num país de seis milhões de habitantes, dos quais dois milhões são refugiados sírios e palestinos), a população participou sem distinção religiosa. A pandemia do novo coronavírus levara à suspensão das mobilizações que agora retornam.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3KBMKOQ

DEBILIDADES

Poder dual e partido revolucionário

Motorista foi demitido ao defender que colegas se recusassem a transportar policiais para reprimir protestos

Entre as principais debilidades da revolução libanesa está a falta de organismos de poder operário e popular que centralizem as forças da revolução e representem um poder alternativo ao regime sectário burguês.

A falta de um poder alternativo, como foram os sovietes (conselhos) na Revolução Russa de 1917, abre o espaço para alternativas burguesas e pequeno-burguesas que se limitam a propor reformas de fachada como "governo tecnocrático sem partidos políticos", um juiz honesto como presidente ou novas eleições.

No entanto, para reconstruir o Líbano, são necessárias medidas radicais, como a expropriação das famílias milionárias que remeteram US$ 21 bilhões para fora do país e a nacionalização dos bancos. A classe trabalhadora é a única interessada em levar adiante essas medidas contra a classe capitalista.

Outra debilidade da revolução é a falta de um partido revolucionário. O Líbano tem uma grande tradição marxista representada por diversos partidos socialistas e comunistas, que ganharam força nos anos 1970, pela esquerda palestina e também por intelectuais como Mahdi Amel. No entanto, o principal partido de esquerda, o Partido Comunista Libanês, transformou-se em apêndice do partido burguês Hezbollah desde o fim da guerra civil, em 1990, principalmente após 2005, com a expulsão das tropas sírias do país.

No calor da revolução, é necessário construir um novo partido revolucionário totalmente independente do regime sectário e de seus partidos burgueses, para lutar por um poder operário e popular no Líbano, solidário à resistência palestina e às revoluções no mundo árabe.

SAIBA MAIS

O que é regime sectário

Imposto pelo colonialismo francês em 1926, o regime político sectário é baseado na representação política a partir das 18 religiões reconhecidas pelo Estado. O parlamento e o governo são formados por representantes de cada seita religiosa, daí o nome sectário. As principais famílias burguesas do país dirigem os grandes partidos políticos sectários e dividem o aparelho do Estado e as concessões públicas entre si.

mural

CASALDÁLIGA PRESENTE!

“Malditas todas as propriedades privadas que nos privam de viver e amar”

Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia (MT), deixou-nos no dia 8 de agosto aos 92 anos. Catalão da província de Barcelona, Casaldáliga chegou ao Araguaia em 1970, designado para administrar a prelazia. Na época, São Félix do Araguaia era apenas uma pequena vila localizada no coração do Bico do Papagaio, uma das regiões com maiores conflitos por terras no Brasil.

O padre, aos 40 anos, mergulhara num Brasil profundo que a imensa maioria dos brasileiros não conhecia e ainda não conhece. Logo ele viu a toda crueldade da violência praticada pelo latifúndio. Viu camponeses desaparecerem e, mais tarde, seus corpos apareciam boiando o Rio Araguaia.

Casaldáliga se enfronhou nas lutas dos posseiros expulsos das suas terras e vítimas da implacável violência dos fazendeiros. Numa máquina de escrever, registrou o depoimento de indígenas e camponeses sobre as barbaridades cometidas pelo latifúndio. Daí saiu o texto “Escravidão e feudalismo no norte de Mato Grosso”, no qual denunciava a sordidez de jagunços, grandes proprietários e políticos locais.

Naquele tempo, a ditadura militar privatizava terras públicas da Amazônia. Qualquer capitalista que comprasse terras na região podia ter isenções no imposto de renda. O processo resultou na expulsão ou na morte de milhares de posseiros e também no trabalho escravo utilizado para a conversão da floresta em grandes fazendas.

Casaldáliga foi ameaçado de morte inúmeras vezes e sofreu atentados. O mais grave ocorreu em 12 de outubro de 1976, em Ribeirão Cascalheira (MT). Após ser informado que duas mulheres estavam sendo torturadas na delegacia local, Pedro dirigiu-se até lá acompanhado do padre jesuíta João Bosco Penido Burnier. Após forte discussão com os policiais, o padre Burnier foi agredido por policiais e levou um tiro na nuca. Na missa de sétimo dia, a população da cidade realizou uma procissão até a delegacia, libertou os presos e destruiu o prédio.

Em agosto de 1971, Casaldáliga foi nomeado bispo. Sua militância em prol dos camponeses pobres fez com que a ditadura tentasse expulsá-lo do Brasil pelo menos cinco vezes.

“Malditas sejam todas as cercas! Malditas todas as propriedades privadas que nos privam de viver e amar! Malditas sejam todas as leis amanhadas por umas poucas mãos para amparar cercas e bois, fazer a terra escrava e escravos os humanos”, escreveu o bispo que defendia uma Igreja que fizesse, em suas palavras, “uma opção pelos pobres do ponto de vista de classe”.

Casaldáliga foi um grande exemplo de luta e solidariedade e sempre viverá nas lutas de todos aqueles, religiosos ou não, que lutam por uma nova sociedade, livre das cercas, da exploração de classe e da propriedade privada.

SÃO PAULO

COVID-19 sai na frente do brasileirão

No dia 9 de agosto, domingo, a partida entre Goiás e São Paulo foi cancelada depois que nove atletas do time goiano testaram positivo para coronavírus. O laboratório credenciado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e responsável pelos testes divulgou o resultado apenas na manhã do jogo, que foi suspenso por determinação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) minutos antes do início previsto, quando as duas equipes já estavam no gramado, um dia depois de o Brasil registrar mais de 100 mortes em decorrência da pandemia.

O caso revela todo o absurdo do retorno das partidas de futebol em meio à pandemia. Ao celebrar a volta dos jogos no Brasil nesse momento, com o reinício do Campeonato Carioca em junho, o presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, defendeu que os protocolos adotados no esporte seriam “um exemplo para outras atividades”. A frase foi dita depois de Landim ter se encontrado com Bolsonaro para pedir a volta dos jogos.

A realidade desmentiu o cartola. Em menos de dois meses, o futebol tem se mostrado incapaz de consolidar um procedimento que seja imune ao ritmo desenfreado de contágio do vírus. Mais um gol contra também do governo genocida de Bolsonaro com a cumplicidade dos governadores.

SÃO PAULO

PM executa jovem negro no dia do aniversário

A Polícia Militar de São Paulo cometeu mais um crime racista. No dia 9 de agosto, o jovem Rogério Ferreira foi baleado e morto após sofrer abordagem policial no Sacomã, na Zona Sul de São Paulo. Ele tinha saído de moto durante a tarde para comemorar o aniversário de 19 anos quando foi perseguido e abordado por dois policiais militares de motocicletas.

Um vídeo gravado por câmeras de segurança mostra o momento em que dois policiais da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (Rocam) o cercaram. Rogério reduziu a velocidade da moto até parar perto da calçada. Na sequência, o jovem leva um tiro e a moto tomba com o rapaz. O jovem estava desarmado. A polícia registrou o caso como “resistência, homicídio simples decorrente de intervenção policial, desobediência, dano qualificado”.

A letalidade policial bate recordes e homicídios aumentam durante a pandemia em São Paulo. De janeiro a junho, as polícias civil e militar mataram juntas 514 pessoas. Isso representa aumento de 20% na comparação com o mesmo período de 2019, quando houve 426 mortes. É o maior número da série histórica, iniciada em 2001, do governo paulista.

CAETANO VELOSO

A voz das dores e delícias do Brasil

WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SEC. NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

Em 7 de agosto, Caetano Veloso comemorou seus 78 anos em grande estilo, com uma live, ao lado dos filhos Moreno, Tom e Zeca. Gente mais atenta deve ter percebido que a música de abertura foi escolhida a dedo. "Milagres do povo", gravada em 1985 – ou seja, no "ano um" da nossa tortuosa e sempre inacabada redemocratização –, para a minissérie Tenda dos milagres (Jorge Amado, 1969), é uma celebração de nossas lutas, sintetizada na história do povo negro, como lembram os versos: "E o povo negro entendeu / Que o grande vencedor / Se ergue além da dor".

Trata-se de um paralelo com a atualidade que foi ressaltado em inúmeros momentos nos quais o cantor criticou o governo Bolsonaro e sua gangue de genocidas, lembrando, por exemplo, que "o Brasil não tem um ministro da saúde definitivo (...). E o Ministério do Meio Ambiente parece ser contra o meio ambiente. São situações graves que os brasileiros estão enfrentando (...) Mas a gente vai superar, o Brasil é o Brasil."

Ele seguiu denunciando: "É uma situação alarmante em que se vê o racismo, as queimadas e o desmatamento ilegal que segue avançando contra os indígenas." Tudo isso recheado com muitos dos sucessos em mais de cinco décadas e umas tantas novidades que demonstram que ele ainda tem muito a oferecer.

São razões de sobra para festejarmos um compositor e intérprete que tem traduzido como poucos as dores, as delícias, os prazeres e as angústias de nosso povo.

UM ESPELHO DE NOSSAS DORES E PRAZERES

Há um lembrete importante para escaparmos de uma idolatria cega que isente os artistas de críticas, mas que também precisa ser balanceado por outra ponderação: não são apenas os posicionamentos políticos que servem como parâmetros para falarmos de arte e cultura. Basta lembrar que Lenin tinha Tolstoi (autor de clássicos como Guerra e Paz e Anna Karierina) como seu escritor favorito, mesmo ele sendo um beato cristão, místico, nobre e monarquista.

Por quê? Nas palavras de Lenin, num texto intitulado "Lev Tolstoi como Espelho da Revolução Russa" (1908), porque todo "artista realmente grande reflete nas suas obras pelo menos alguns dos aspectos essenciais da revolução", seja expondo as contradições de sua época, seja escancarando a "exploração capitalista, o desmascaramento das violências governamentais (...) da miséria, da incultura e dos sofrimentos das massas" ou "o ódio acumulado, a aspiração amadurecida a um destino melhor, o desejo de se libertar do passado".

ANTROPOFÁGICO, POR ISSO, UNIVERSAL

Desde que surgiu no cenário artístico, ainda em Salvador, em meados dos anos 1960, ao lado de sua irmã Maria Bethânia, ele tem sido um porta-voz bastante contundente dessas coisas todas, tanto na forma quanto no conteúdo de suas criações.

Um de seus primeiros sucessos, "Alegria, Alegria", apresentada no 3º Festival da MPB da TV Record em 1967, não só foi um marco de todo um movimento musical, a Tropicália, como continua, até hoje, sendo um hino da rebeldia juvenil.

De lá para cá, pode-se dizer que sua carreira segue arrancando força da mesma metáfora que alimentou o tropicalismo, impulsionado por nomes como Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, Torquato Neto (1944-1972), Capinan e os Os Mutantes: o exercício da antropofagia (ou canibalismo), ou seja, a capacidade, à semelhança dos povos indígenas, de se alimentar da energia do outro (até mesmo dos inimigos) e mesclá-la com sua própria essência para criar algo novo, único e ao mesmo tempo universal.

Seu exílio em Londres, entre 1969 e 1972, depois de amargar dois meses na prisão ajudou a colocá-lo ainda mais em sintonia com a vanguarda da música de sua época, influenciando obras como Transa (1972) e Araçá Azul (1973) e incutindo, desde sempre, uma pegada rockeira, um gingado do reggae ou uma batida jazzística em muitos de seus discos, como Cê (2006), Zii e Zie (2009) e Abraçaço (2012).

Depois que voltou ao Brasil, vale resgatar o fantástico Doces Bárbaros (1976), show e disco (e depois filme), produzido ao lado de Gil, Gal e Bethânia. Além de ser uma obra-prima em termos musicais, ajudou a atiçar o debate sobre a abertura e as drogas em função da perseguição que sofreu por parte da polícia.

Sua exploração das coisas de sua região de origem e do Norte do país, explodem de forma particularmente bela em coisas como Circuladô (1992) e Noites do Norte (2001), ao mesmo tempo em que sua urbanidade resultou em canções magistrais como "London, London" e, é evidente, "Sampa".

INTÉRPRETE DO POVO

Vale dizer também que sua antropofagia o inspira como intérprete. Seja na recriação do povo das antigas, como Noel Rosa, Vicente Celestino e Luiz Gonzaga, seja daqueles que foram seus contemporâneos, do jovem Cazuza a parceiros de longa data como Chico Buarque e os Novos Baianos, passando por hits internacionais, como Nirvana, Beatles e Michael Jackson.

Também não faltam imersões na cultura latino-americana, muitas delas agrupadas em Fina Estampa (1994). Ou, ainda, a musicalização da obra de grandes poetas, como em "Triste Bahia", a partir do poema de Gregório de Matos, e "O amor", inspirado no poeta russo Vladimir Maiakóvski.

Dono de uma obra impossível de ser sintetizada num artigo, seu sucesso está longe de ser produto de mercado ou modismo. O fato de ele continuar a nos emocionar, a nos fazer pensar e a servir de trilha para os momentos mais diversos da vida é algo que precisa ser celebrado.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/30LZWEQ